



Revista Oficial da Orquidário

Orquidário



Volume 15 - no 1
janeiro - março de 2001

Revista Trimestral Publicada pela
OrquideaRIO

Editor:

Roland Brooks Cooke
e-mail: rbcooke@unepa.com.br

Produção:

Araruna Consultoria Editorial
e-mail: araruna@orquidario.com.br

A revista circula a cada trimestre e é
distribuída gratuitamente
aos sócios da OrquideaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins
Artigos e contribuições devem ser dirigidos ao
Editor, de preferência em disquete, com cópia
impressa, gravado num dos seguintes
editores de texto: PageMaker, Word ou
qualquer aplicativo compatível com Windows
98. Os trabalhos aceitos poderão ser
publicados nos números seguintes ou
aguardar oportunidade, dependendo da
composição da revista.

Fotografias devem conter indicação do motivo
(por exemplo, nome da flor e nome do
proprietário, onde foi exposta, etc.) e
identificação do autor.

Podem ser enviadas em preto e branco,
colorida em cópia papel ou cromo.
Propaganda e matéria paga, com indicação
do mês para publicação, deverão ser
remitidas com 2 meses de antecedência,
reservando-se a revista o direito de rejeitá-las
sem explicitar motivos.

O título *Orquidário* é de propriedade de
OrquideaRIO, está registrado no INPI, tendo
sido feito o depósito legal na Biblioteca
Nacional.

Qualquer matéria, fotografia ou desenho
publicado sem indicação de reserva de direito
autoral © pode ser reproduzido para fins não
comerciais, desde que seja citada a origem e
se identifiquem os autores.

Correspondência:

Deve ser dirigida à *OrquideaRIO*,
Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 428 - Centro
Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000
Tel. (0xx21) 233-2314 - Fax: (0xx21) 518-
6168

e-mail: orquidario@orquidario.com.br
Internet: www.orquidario.com.br



OrquideaRIO – Sociedade Brasileira de Orquidófilos S/C

Diretoria Executiva

Presidente

Vice-presidente

Diretor Técnico

Diretor Adm. Fin.

Diretor de Rel. Comunitárias

Hans Jürgen Otto Frank

Sérgio de Macedo e Silva

Roland Brooks Cooke

Fernando A. R. Fernandes

Luciano H. da Motta Ramalho

Conselho Deliberativo (2001/2002)

Presidente

Membros

Carlos Manuel de Carvalho

Carlos Ivan da Silva Siqueira

Eliomar da Silva Santos

Célia Cano Gomes

Félix J. Miranda de Oliveira

Gerência de Rel. Públicas

Teresa C. de A. Rodrigues

Departamentos

Pesquisa, cultivo e cursos

Biblioteca

Marketing e entretenimentos

Decoração e estandes

Antonio Clarindo Rodrigues

Luciano H. da Motta Ramalho

Marlene Paiva Valim

Alexandre Cruz de Mesquita

Presidentes anteriores:

Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

Álvaro Pessôa, 1987/1990

Raimundo A..E. Mesquita, 1990/1994

Hans J. O. Frank, 1994/1996

Carlos A. A. de Gouveia, 1997/1998

Paulo Damaso Peres, 1999/2000

Preços / Rates	1 ano 1 year	2 anos 2 years	3 anos 3 years
Filiação e contribuição anual	R\$ 60,00	R\$ 110,00	R\$ 160,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40	US\$ 70	US\$ 110
Via aérea: acrescentar R\$ 20,00/ano — By air mail: plus US\$ 20 per year			

Livro Tombo n.º

Obra n.º

Bibliografia
Índice

- 2 Mensagem do Presidente
Hans Frank
- 4 Perfumes de Orquídeas – parte III - Histórias e Impressões
Antonio Ventura Pinto
- 16 *Cattleya nobilior* var. *alba*
Lou Menezes
- 18 Um híbrido natural novo para a Flora Brasileira
Vitorino Paiva Castro Neto
Marcos Antonio Campacci
- 21 *Orquidário* visita
Entrevista com a família Ostetto
Hans Frank
- 24 Mutação em orquídeas
Érico de Freitas Machado
- 26 *Cattleya labiata* 'Beatriz Brasil'
Lou Menezes



Nossa Capa

Cattleya nobilior var *alba* L. C. Menezes var. *nov.*, encontrada no município de Iporá, Estado de Goiás. Foto de José Kenzi.

Novos tempos

Hans Frank

Não sei exatamente o que sinto e pressinto, mas há algo diferente em nosso pequeno mundo orquidófilo. Vejo muitas luzes, sinto ventos suaves e frescos, vejo esperança.

Mudança de milênio? Não, não

é nada disso! É algo mais palpável, mais concreto.

Será que as luzes que vejo são centelhas, vindas de pessoas que realmente almejam o engrandecimento de nossa orquidofilia? Sim, claro! É isso!

Nota-se por todo o Brasil o pulsar de corações orquidófilos.

São pessoas sérias e sonhadoras, de ambos os sexos e de todas as idades, que debatem, defendem e lutam por seus ideais.

E os ventos suaves e frescos, o que são?

Bem... creio que sejam uma direção ou a indicação de caminhos a percorrer! Eureka! Eureka! Entendi! São aquelas mesmas pessoas que emitem centelhas e que, com perseverança e muito trabalho, enfrentam e desviam seus barcos, repletos de ideais, das tempestades e furacões e os conduzem por águas tranquilas. Lentamente, mas sempre em frente.

Esperança?

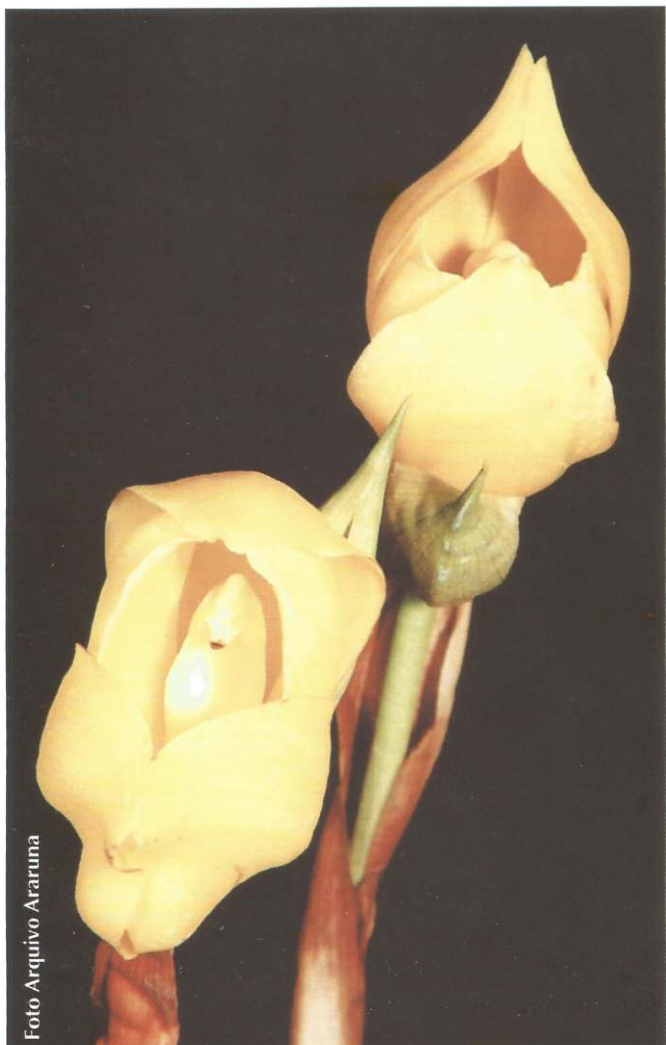


Foto Arquivo Araruna

Anguloa clowesii

Ah! Essa é fácil de entender, porém é a mais difícil de se concretizar, pois são imensos os desafios.

Esperança de que cada barco (associação, núcleo, círculo) encontre um porto seguro.

Esperança de que a vaidade pessoal não altere sonhos e ideais, em comportamentos ditatoriais.

Esperança de que um dia cada barco, grande ou pequeno, e não importa de onde ele venha, junte-se aos outros até formar uma imensa frota. Todos envolvidos em solucionar os grandes desafios que enfrenta a orquidofilia nacional.

Esperança de que todos os transatlânticos (orquidários comerciais) tenham consciência de que precisam apoiar os pequenos barcos e seus tripulantes, pois é de lá que vem a força para rebocá-los até o cais do sucesso. Também os pequenos barcos precisam dos transatlânticos, pois eles são a fonte

de seus suprimentos. Quanto mais fortes forem as associações orquidófilas, mais aficionados por orquídeas elas terão e, tenho certeza, todos lucrarão.

Esperança de sermos tão fortes e desenvolvidos que nossa voz possa ser ouvida e respeitada por empresários da cidade e do campo, departamentos e órgãos de todos os escalões do governo. Há tudo a fazer: defesa do meio ambiente, preservação de espécies, obtenção de reconhecimento sociocultural, desenvolvimento do potencial econômico e de geração de divisas, aumento do nível de emprego, estímulo ao turismo, lazer, etc.

Esperança de que todas as forças orquidófilas se unam para, juntos, elaborar padrões e normas de julgamento para nossas plantas e formar um quadro de juízes capazes e dignos de emitir um certificado de qualidade com um **BR** de Brasil.

Esperança de novos tempos.



Apareça na Orquidário

Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 428 - Centro Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000
Tel. (0xx21) 233-2314 - Fax: (0xx21) 518-6168

www.orquidario.com.br

Perfumes de Orquídeas - Parte III

Histórias e Impressões.

Antonio Ventura Pinto*

Sidnei Pedro Resende

Stanhopea sp.

Abstracts: *It was focused some historic facts and personal impressions provoked by scent upon human being. Some odoriferous groups of scent plants are indicated for neophyte orchidist, as well as their sensorial olfactory qualities. A special attention was made to infuse a new perspective in order to stimulate the cultivars of odoriferous plants for use in prize competitions*

Desde priscas eras os odores exercem fascínio sobre a humanidade. Acredita-se que na história da gênese animal a percepção de odores foi um sentido adquirido antes da agudez da visão, mas que sucedeu o do tato nos seres primordiais. Possivelmente o olfato foi um sentido de percepção meio termo

para o reconhecimento entre o distante e o contacto próximo direto. Embora de atuação limitada, no espaço e no tempo, os odores têm, diferentemente da observação visual, a vantagem da percepção não linear. Esta fatuidade torna a olfação um dos sentidos mais eficientes à curta distancia, comparável ao da audição. Ainda hoje, os odores são importantes para uma grande maioria de vegetais e animais, por exemplo, servindo de meio de ferramenta de comunicação na co-evolução entre estes dois reinos.

Exemplo marcante da importância dos odores na família das orquídeas está a polinização de flores por insetos. No reino animal, os odores ainda atuam na atração sexual e na defesa contra predadores. No estágio atual da evolução da espécie humana, a percepção de odores tem um relativo papel na comunicação com o meio ambiente. À espécie humana coube, como herança de épocas remotas, o reconhecimento atávico de perfumes e de emanções nauseabundas, entre outras sensações de importância emotiva e comportamental.

Evidentemente, os perfumes são os mais apreciados entre os aromas emitidos na natureza. Isto se reflete na prática da perfumaria, uma arte muito antiga na historia da humanidade. Supõe-se que muito antes da domesticação do fogo já a espécie humana se comprazia

com emanações ambientais perfumadas. Provavelmente, o uso de aromas em atos de devoção mística foi uma prática que facilitou a agregação social primitiva, por ser um elo comum de agradabilidade compartilhada. Disto resultaram as incinerações de incensos em homenagens divinatórias e em ritos fúnebres, costumes estabelecidos em épocas bem remotas. Estes antigos ritos são tão marcantes na cultura humana, que ainda hoje são praticados por alguns povos da atualidade.

A antropologia moderna já tenta associar a prática social de perfumes a um resquício de comportamentos primitivos, lembranças de quando os odores atuavam de forma decisiva na vida sexual dos avós humanóides.

Sejam quais forem as razões inconscientes de seu uso na sociedade moderna, os perfumes desencadeiam estímulos dos mais diversos nos seres humanos, despertando a auto-estima,

valorizando os contactos sociais e evocando estados psíquicos profundos. As classes sociais são deveras influenciadas pelos perfumes, conferindo aos seus usuários as aparentes qualidades do bom gosto, de civilidade e de destaque econômico. Para uma boa avaliação da afetividade emotiva às inalações de perfume, comparem-se as inodoras flores plásticas, que apesar de agregarem em si as belezas das artes plásticas modernas, não conseguem criar o imaginário fantástico das naturais odoríferas. Hoje, a industrialização dos perfumes, sob o impacto da propaganda comercial, é capaz de despertar motivações psicológicas diversas, induzidas na maioria das vezes por agências de publicidade bem intencionadas. A perfumaria, como arte, já tem até os seus grandes mestres e bruxos.

Não é de todo insensato supor que o soberbo mundo odorífero da família Orchidaceae não venha, de modo sub-reptício, despertar nos seres humanos um clima de sensualidade erótica, tal como ocorre aos insetos polinizadores, quando enfeitiçados por perfumes de flores. Isto, como se sabe, faz com que abelhas machos tendam à pseudocópula sobre labelos durante a polinização, atraídos por perfumes que, “coincidentemente”, têm em seus buquês constituintes hormonais dos insetos femininos. De modo geral, muito se poderia falar sobre as teorias que abordam estas questões, todavia estas questões são mais adequadas aos amantes das ciências biológicas comportamentais.

Historicamente, segundo foi possível de se constatar em literatura especializada, o mais antigo registro



Cattleya aclandiae



Luiz de Araújo Pereira

Vanilla sp.

conhecido sobre perfumes data do século doze antes de Cristo, assinalado nos poemas do persa Gilgamesh. Este poeta decantou o uso de perfumes por seus ancestrais, viventes dos séculos XXVII e XXVIII anteriores a sua época. São relatos épicos sobre ritos divinatórios e funéreos, na maioria versando sobre a queima de cedro e de mirra no mundo persa muito mais primitivo. (Kaiser, 1991).

Entre os povos antigos, os egípcios foram, sem dúvidas, os mestres na arte da perfumaria. Este povo fazia uso de plantas aromáticas em rituais místicos e em mumificações. Datam do século IV a. C. os mais antigos registros, em papiro, sobre os perfumes no mundo egípcio. Os antigos egípcios bem conheciam processos de extração e de uso de óleos odoríferos e balsâmicos. Foram também

mestres no manuseio de corantes de origem vegetal e animal. Esta difusão de costumes indica que os egípcios formavam uma civilização de grande avanço tecnológico para a época.

No antigo Egito, os perfumes foram empregados não só para rituais, como também em curas e em cosmetologia. O nariz mítico de Cleópatra simboliza a mais alta hierarquia da afetiva sensibilidade estética da humanidade aos perfumes.

Outro povo do oriente médio, os árabes, levavam consigo, nas conquistas, além do alcorão e das espadas, os perfumes. A retorta, um destilador para a extração de essências odoríferas de plantas, foi uma herança árabe à Europa medieval, Figura-1. Os princípios científicos desta metodologia antiga ainda hoje são empregados para diversos fins em laboratório de química moderna. Bem mais antigo, na Índia, o uso do destilador de perfumes já era conhecido 3000 anos antes da era cristã, muito anterior à sua disseminação pelos árabes no Ocidente (Partington, 1937).

Registros sobre perfumes de orquídeas são também antigos na história dos povos. Porém raros. Salvo engano, os mais longínquos remontam à antiga China de Confúcio. Este filósofo já se referia aos perfumes de certas plantas, provavelmente espécies do gênero *Cymbidium*: “cujos perfumes atrativos foram comparados a uma jóia rara, presente da amizade de um ser divino”. Uma introspecção leva-nos a crer que se tratava mesmo de aromas do gênero *Cymbidium*, já que algumas dessas plantas encontram-se estampadas em cerâmicas

da época do filósofo chinês. Ainda hoje, uma tradição oriental muito antiga na China e no Japão, perpetuada por gerações, é o uso de *Cymbidiuns* odoríferos em arranjos domiciliares, uma cultura cuja origem provavelmente remonta aos períodos mais antigos destas civilizações. Esta tradição está tão presente na cultura oriental, que no Japão de hoje se fazem exposições específicas de orquídeas odoríferas, com premiação de plantas segundo as qualidades de seus perfumes. Nestas exposições, as plantas odoríferas são avaliadas por juízes orquidomófilos ("cheiradores"), usando critérios próprios de classificação e de avaliação na escolha de matrizes à premiação. Até onde foi possível de se saber, estas exposições rivalizam-se, tanto em interesse como em esplendor, com as tradicionais voltadas à escolha de soberbas belezas. Os leitores interessados podem consultar o artigo de Nakamura et alli, 1990, no Amer. Orch. Soc. Bull., número 10, à página 1031, revista disponível na biblioteca da ORQUIDARIO.

A seleção de plantas odoríferas, uma prática evolutiva das orquídeas no hábitat natural, já tem, grosso modo, seus imitadores no Japão. Talvez estejamos no limiar de uma nova moda horticultral, ou seja, selecionar e cultivar matrizes pelas qualidades de seus perfumes. Nada é impossível ao orquidomaníaco compulsivo.

A abordagem odorífera vem a contento se agregar à tradicional, voltado à seleção de plantas por critérios anatômicos e polimórficos de flores. É interessante observar que espécies

selecionadas quanto aos seus perfumes não necessariamente geram espécies dotadas de flores de estética apreciável. De fato, é notório, para a maioria dos colecionadores, que muitas espécies odoríferas de qualidades excepcionais às vezes não são dotadas dos requisitos de beleza necessários para também fazê-las campeãs de exposições ornamentais tradicionais. Todavia, não se deve desanimar. Além da apreciação de perfumes agradáveis, a seleção de orquídeas pelos seus odores volta-se na direção certa da utilização de seus buquês para uso em perfumaria industrial, como discutimos em nosso último artigo nesta revista (Pinto, 2000, ORQUIDÁRIO, número 3).

Numa nova perspectiva, ao explorar o mundo das orquídeas, o orquidófilo deve estar bem despertado para as espécies odoríferas, de grande potencial comercial, mesmo quando desprovidas de soberba beleza.

Ao livre arbítrio do pensamento, da mesma forma que os enólogos selecionam safras vinícolas, apurando-as a critério de prerrogativas organolépticas, pode-se já antever um novo profissional, os orquidomólogos, indivíduos voltados à apuração de jóias perfumadas do mundo orquidáceo. Este novo profissional, orquidófilo olfato-sensitivo, de modo precípua selecionará orquídeas por seus odoríferos buquês florais.

Sob o enfoque da preservação, os estudos específicos sobre buquês florais e sua prática perfumista vêm revelar um subjacente e incalculável potencial odorífero natural. Este conhecimento, bem empregado, é capaz de levar a uma

racional seleção de plantas naturais, de outro modo sem muito interesse. Nesta práxis, o valor odorífero de uma orquídea poderia ser avaliado no hábitat, sem a necessidade de coleta indiscriminada, ou mesmo facilitar a reintegração delas ao fim de uma avaliação de espécies odoríferas cultivadas em estufas. Este último aspecto leva-nos a lembrar aos ambientalistas que espécies deveras perfumadas, dentre um grupo de plantas congêneres, sejam provavelmente as mais recomendadas para a reintegração na natureza devido a abundância de fragrâncias nos seus buquês, que melhor proporciona a atração de insetos polinizadores. Este será um dos benefícios dos estudos sobre orquídeas odoríferas ao saber ecológico. Uma política de replantio artificial em bases científicas.

A preservação de espécies naturais odoríferas torna-se assim um fator econômico e ecológico da maior importância, não só para se preservar os ciclos naturais das plantas, como também descortinar espécies de potencial à industrialização de seus perfumes. Motivos e motivos mil para se lutar pela preservação do patrimônio genético natural.

O grande filão de fragrâncias das orquídeas brasileiras constitui-se em mais um fator a entusiasmar os orquidocultores nacionais a garimparem nesta área. O estudo dos odores vai deixando de ser apenas uma curiosidade científica, e alça-se ao plano das práticas mercadológicas industriais. Não são outros os motivos de inúmeras e diversificadas propagandas no espaço da rede mundial de computadores (Internet).

Só na América há atualmente o registro de 39 diferentes empresas voltadas à exploração de fragrâncias orquídeas. Muitas destas empresas oferecem fragrâncias reconstituídas de modo mimético a partir de buquês naturais.

Retornando-se ao enfoque histórico, no Ocidente as orquídeas odoríferas são igualmente apreciadas, porém sem muitos registros catalogados. Os astecas já faziam uso delas quando os espanhóis, no início do século XVI, aportaram no novo mundo. Nesta época, o mundo “civilizado” dos conquistadores entrou pela primeira vez em contato com o uso de cápsulas perfumadas de *Vanilla* curtidas, para aromatização de comestíveis e de bebidas reputadas como afrodisíacas. Em relação a este último uso, é interessante notar a curiosa coincidência da palavra espanhola vainilla, -que deu origem ao nome do gênero,- derivar da palavra latina vagina, nome romano da anatomia sexual feminina. Um grande devaneio para os conquistadores espanhóis foi a infusão de chocolate aromatizado por *Vanilla*. Em 1510 o conquistador Cortez levou esta iguaria para a corte espanhola. Foi o início da globalização do chocolate, um sucesso que até hoje perdura. Os europeus domesticaram seu uso, tornando o chocolate uma iguaria das mais requintadas nas cortes européias. Curiosamente, dizem as crônicas da época que a rainha Marie-Therese, esposa de Luiz XV, o rei sol, adorava chocolate viscoso e outras iguarias aromatizadas com *Vanilla*. Até hoje, o odor da baunilha, nome comercial das cápsulas odoríferas de *Vanilla*, vem despertar a gula dos que

gostam de comer chocolate (Hausen, 1993).

De verve irônica, madame de Sevigné, uma cronista escrevendo sobre o seu tempo, na corte francesa do século XXIII, relata de modo humorístico as peripécias de uma marquesa amiga, uma cortesã chocolatômana inveterada. Esta nobre senhora compulsivamente babava ao sentir o menor odor de baunilha, muito lembrando o cachorro de Pavlov no seu comportamento condicionado. Destaca a cronista que a marquesa avidamente conseguia sorver fartas sobremesas de chocolate aromatizado, mesmo após refeições de frangos inteiros, acompanhados de costelas suínas fritadas na gordura do próprio animal. Muito malévola, a cronista remata que a marquesa, de tanto comer chocolate, acabará parindo um bebê negríssimo

como o diabo e fedorento à baunilha. (Doyle, Tribuna da Imprensa/RJ, 25 de agosto, 2000).

No início da era colonial moderna, a *Vanilla* foi selvagem à Europa, retornando de lá urbanizada séculos depois. Apesar de geograficamente vizinho ao México, o uso condimentar da *Vanilla* curtida só foi introduzido na América (USA) em fins do século XVIII, trazida da França por Thomas Jefferson, de retorno de uma viagem (Kaiser, 1991). A *Vanilla* possivelmente foi a maior conquista civilizada empreendida pelos navegadores Ibéricos.

Até hoje, as cápsulas invaginadas da baunilha verde são fermentadas em estado sólido (curtidas) conforme as técnicas pioneiras dos astecas. Durante a fermentação, as cápsulas verdes, aparentemente inodoras, adquirem



Foto Arquivo Araruna

Maxillaria tenuifolia



Foto de Freitas Machado

Miltonia flavesce

tonalidade escura e tornam-se odoríferas. O buquê da fragrância lembra a vanilina, uma substância odorífera do grupo químico dos aldeídos aromáticos.

De fato, a vanilina é o maior constituinte do buquê da vagem curtida. Estudos científicos modernos indicam que a vanilina somente é formada após a morte das células do vegetal verde. A presença da vanilina nas vagens curtidas resulta da decomposição de alguns ingredientes naturais do vegetal vivo, feita por fungos fermentadores. Entretanto, a vanilina já foi detectada em flores perfumadas de muitas orquídeas, de diversas espécies. Ao nosso conhecimento, até hoje não foram ainda quimicamente caracterizados todos os constituintes do buquê da baunilha natural. Fica aqui uma sugestão de estudo

aos orquidófilos de talento químico.

Voltando aos astecas, este povo também fazia uso das vagens curtidas em licores e condimento em geral, costume ainda hoje empregado na culinária internacional. Muitas espécies de *Vanilla* até hoje são curtidas e comercializadas sob o nome genérico de baunilha, à venda em comercio requintado. A indústria química usa a vanilina sintética pura como ingrediente para perfumar produtos comestíveis industriais. Entretanto, ao que parece, a baunilha natural possui características odoríferas superiores à sintética, decorrente de impurezas catalisadoras de aromas.

Curiosamente, enquanto as vagens da baunilha curtida são aromáticas, as flores do gênero *Vanilla* aparentemente caracterizam-se por perfumes noctívagos muito fugazes e de fraca atuação. Este aspecto é bem interessante para os estudiosos, pois a grande maioria das plantas de flores brancas ou verdes, polinizadas por insetos notívagos, geralmente são apercebidas pelo olfato humano.

Aspecto muito peculiar da *Vanilla*, consiste nas dermatites alérgicas provocadas pelo vegetal. Esta ocorrência provoca irritação nos trabalhadores durante a época da colheita das vagens verdes. Sem necessariamente haver uma relação de causa e efeito, a baunilha mostra uma ambivalência antagônica, entre o agradável dos perfumes das vagens curtidas, contrastando com os deletérios princípios alérgicos à derme humana causados por ingredientes tóxicos da planta. Numa visão holística, o equilíbrio do bem com o mal (Hansen, 1983).

Até passado recente, os odores de orquídeas não passavam de simples curiosidade ou apenas despertavam brados de afetiva admiração para a grande maioria dos orquidófilos. Hoje, os aromas destas plantas se destacam nas mais variadas áreas da atividade humana, indo do científico puro, ao mercado sofisticado de aromas.

Entretanto, desde longa data as características odoríferas das orquídeas não foram de todo despercebidas pelos taxonomistas desta família. Epítetos latinos nos nomes de muitas espécies, como *odoratissima*, *odorata*, *odorus*, *fragrans* e *fragrantissimus*, denotam as qualidades odoríferas das plantas nomeadas. Muito interessante é o caso do *Epidendrum nocturnum*, que apesar florir dia e noite, tem este nome específico devido à emissão noturna de seus perfumes. Outra curiosidade é a *Encyclia citrina*, por lembrar, nos seus perfumes, o de limão.

Na atualidade, já se é possível racionalmente colecionar, baseado no conhecimento da tradição orquidófila, plantas de valor odorífero acentuado. Inúmeros grupos naturais são

reconhecidos, inclusive alguns híbridos, o que permite colecioná-las da mesma forma como se abastece um refinado toucador com insumos comerciais odoríferos disponíveis.

Entre alguns gêneros, reconhecidos de possuírem geralmente espécies odoríferas, podem ser citados, por área geográfica:

África:

- *Angraecum* (*sesquipedale*, *eburneum*, *eichlerianum*, *superbum*, *iconis distichum*, etc, e híbridos).
- *Aeranges* (*kotschyana*, *multiflorum*, *odoratum*, etc).
- *Diaphanorhiza pellucida*.

Ásia e Oceania:

- *Cymbidium* (*ensifolium*, *goeringii*, etc e híbridos).
- *Phalaenopsis violacea*.
- *Vanda* (*coerulescens*, *tesselata*, *tricolor*).
- *Cirrhopetalum* (*gracillium*, *fascinator*).
- *Dendrobium* (*anosmum*, *antennatum*, *bekleri*, *cariniferum*, *chrisotoxum*, *fimbriatum*,



Cattleya percivaliana

glumaceum, rigidum, lichenastrum, leonis, superbiens, wardianum, primulinum, etc).
 • *Dendrochilum (cobbianum, glumaceum).*

- *Himantoglossum hircinum.*
- *Ophrys apifera.*

América:

- *Bifrenaria (atropurpurea, harissoniae).*
- *Brassavola (cuculata, revoluta, nodosa, acaulis).*
- *Catasetum (pileatum, hookeri, etc).*
- *Cattleya (aclandiae, amethystoglossa,*

Europa:

- *Orchis (criophora, punaise).*
- *Platanthera (bifolia, orchis, chlorantha).*
- *Anacamptis pyramidalis.*
- *Dactylorhiza sambucina.*

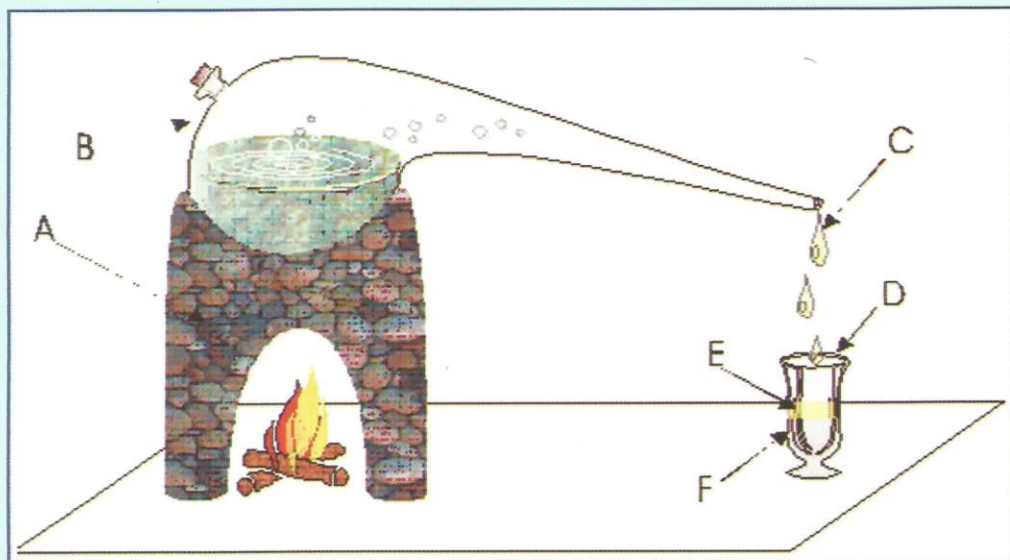


FIGURA-I: Retorta em Estilo Medieval.

Instrumento destinado à extração de óleos vegetais aromáticos, por arraste com vapor de água. **A:** fornalha. **B:** retorta, geralmente de cobre, latão, ferro fundido e posteriormente, na renascença, em material vítreo. No seu interior, água e material vegetal odorífero, por exemplo, folhas de eucalipto. Ao ser aquecida, a água entra em ebulição, rompendo o vegetal e liberando os óleos essenciais naturais do interior celular. O vapor de água quente arrasta consigo as essências, sob a forma de vapor, na temperatura de ebulição da água. Na parte funilada da retorta, a mistura de vapores, água e óleos, se resfriam. **C:** gotas resfriadas; mistura de óleos essenciais e água, imiscíveis. **D:** copo coletor. Conde se tem a separação da mistura; fase oleosa sobrenadante, (**E**), e a fase inferior, de água (**F**). Até hoje, porém de forma técnica sofisticada, o arraste por vapor é um princípio físico ainda utilizado na indústria de odores, uma herança arábica na ciência moderna.

dowiana, *granulosa*, *leopoldii*, *loddigesii*, *mossiae*, *walkeriana*, etc).

- *Encyclia* (*alata*, *citrina*, *tampensis*, *radiata*, etc).
- *Anacheilum* (*fragrans*, etc).
- *Epidendrum* (*nocturnum*, *ciliare*, etc).
- *Miltonia regnelii*,
- *Oncidium* (*longipes*, *ornithorhynchum*, *lanceanum*, *calochilum*, *tigrinum*).

Estas são apenas algumas espécies odoríferas entre muitas citadas (Soule, 1990 & Schnepfer, 1961).

Das Américas, pode-se ainda citar outros gêneros dotados de espécies odoríferas apreciáveis: *Gongora*, *Zygopelatan*, *Stanhopea*, *Rodriguezia*, *Laelia*, etc. Felizmente, uma grande dispersão de orquídeas que muitas vezes vêm congrega a beleza estética com as emoções provocadas por seus perfumes. Sem dúvidas, o orquidófilo sul americano tem às mãos um grande manancial para deleite.

Uma grande dificuldade no estudo dos perfumes se refere à falta de uma padronização metodológica impessoal de caracterizá-los. Embora de caráter psicossomático, variando de indivíduo para indivíduo, no espaço e no tempo, a simples prática olfativa vem sendo há muito tempo empregada pelos orquidófilos para estigmatizar espécies odoríferas. Assim, por exemplo, muitas

orquídeas são lembradas como possuindo odores frescos esverdeados, evocando aromas de canela, lírios adocicados, de jacintos noturnos, de rosas frescas, de perfumes frugais, de cheiros adocicados e de açúcar queimado, odores alaranjados, etc, toda uma série de matizes olfato fisiológicas, que geralmente refletem as emoções dos apreciadores dos seus perfumes. No estado atual das ciências fisiológicas ainda não foi possível definir uma escala de padrões estritamente técnico impessoal, que objetivamente venha definir as qualidades sensoriais olfativas de fontes emissoras. Mas não se deve supor que esta limitação seja tão importante assim para os orquidófilos, a ponto de prejudicá-los na apreciação do fantástico mundo odorífero das flores.

A seguir, apresentamos registros, baseados no senso olfativo comum, que procuram definir as qualidades de algumas espécies perfumadas (Orchidéés et protection, nº 4, 2000, France):

Angraecum aporoides; emissora de forte buquê de anis, entremeado de limão verde e baunilha.

Angraecum bosseri; emissora de um incontestável odor, ocasionalmente temperado de canela.

Brassavola acaulis; evoca um perfume de toalete masculino, às vezes com rastros de fogos de artifícios em queimação.

Brassavola nodosa; lembra o odor de canela, matizado com flores secas de cravo condimentar.

Catasetum pileatum; emite um agradável e cativante perfume fresco, mas ainda indefinido.

Catasetum integerrimum; odor pungente e meio açucarado.

Nota:

A Parte I, Os odores na polinização de orquídeas, foi publicada no Vol. 14, nº 2, 43-47; a Parte II, Perfume de orquídeas, Análise por GC-MS, foi publicada no Vol. 14, nº 3, 14-23.



Sérgio Araújo

Rodriguezia bracteata (= *R. fragrans*) uma das flores mais perfumadas das orquídeas brasileiras

Cycnoches chlorochilon; evoca um aroma de frutas exóticas maduras.

Cattleya aclandiae; evocativo de rosas matinais recém cortadas.

Cattleya dowiana; forte fragrância de cravo, com tons de canela e de rosas orvalhadas.

Cattleya labiata; odor agradável e pungente, que lembra o cravo condimentar.

Cattleya percivaliana; odor longínquo de percevejo, seguido de frutas verdes cortadas, temperados por cominho e canela.

Cymbidium ensifolium; exala odores de limão, com sensações de frescor e doçura.

Cymbidium goeringii; evoca perfumes de brejo (lírios), entremeados de limão.

Dendrobium anosmum; emite odores de castanhas e de frutas muito maduras.

Dendrobium fimbriatum; evoca odores entremeados de selva tropical com o de vegetação verde comum (mato), permeado de peixe defumado.

Epidendrum nocturnum; perfume de eucalipto, com leves ondas de anis.

Encyclia citrina; muito forte, evocando aroma de limão.

Encyclia odoratissima; evoca um rastro ligeiramente adocicado de méis.

Laelia perrinii; emite odores de frutas, acompanhados de resquícios de cravo.

Maxillaria tenuiflora; odor que lembra a degustação de óleo de coco.

Maxillaria variabilis; odores oscilantes, no espaço e no tempo, entre o eucalipto e a baunilha.

Miltonia regnellii; evocativo de laranja e de tangerina, com componentes do coentro e de limão verde.

Oncidium longipes; emite odores do anis e da canela, indistintamente misturados. *Phalaenopsis violacea*; exala perfumes típicos de rosas, acompanhados por canela e citronela (citronela, uma substância odorífera do grupo químico dos aldeídos, comum em desinfetantes de banheiros públicos).

Stanhopea oculata; mistura de eucalipto com chocolate (baunilha).

Vanda tessellata; evoca a canela.

Zygopetalum mackayi; um buquê de jacintos, às vezes de narcisos, num clima de furtiva nostalgia.

Fora estes simples exemplos, há na literatura uma grande variação de relatos sobre os sentimentos que os perfumes das orquídeas desencadeiam nos seus admiradores, sendo muitas vezes assim estigmatizadas. Uma lista muito grande, incapaz de caber nesta simples nota. À guisa de proposta, sugerimos aos nossos juízes de exposições que procurem usar um pouco da aromaticidade nos julgamentos, pelo menos em casos de desempate. Sem dúvidas, um bom exercício de memória olfativa.

Todavia, nem tudo são rosas perfumadas no mundo das orquídeas. Existem ainda as orquídeas de odores antropomorficamente repulsivos, que podem chegar ao grau do nauseabundo. Em notas futuras, abordaremos estas inusitadas plantas, que não são flores que se cheirem. Certos insetos, as moscas por exemplo, adoram-nas de todo.

*** Prof. Dr. Antonio Ventura Pinto:**

Caixa Postal nº 68035 - Rio de Janeiro - RJ -
CEP 21944-970 - ventura@wip.com.br

Cattleya nobilior var *alba*



Cattleya nobilior Rchb.f.(III.

Hort. 30:73, t. 485, 1883) é encontrada nas regiões Centro-Oeste, Norte (Estado do Tocantins) e Nordeste (sul do Estado do Maranhão) do Brasil. Suas populações crescem preferencialmente na vegetação arbustiva da savana (cerrado), embora também possam ser encontradas nas matas de galeria e sobre rochas. Suas perfumadas flores são abundantes em seus habitats quando então plantas exibem até 7 por pedúnculo. Apresentam geralmente um colorido róseo claro, raramente rosa escuro e quase sempre emergem de pseudobulbo floral. Entretanto algumas plantas florescem do ápice de seus pseudobulbos, um fenômeno que revela

Lou C. Menezes*

instabilidade genética no processo evolucionário da espécie. Dentre suas populações há uma raça geográfica específica que é caracterizada por suas flores róseo-lilases – esbranquiçadas, *Cattleya nobilior* var. *amaliae* Pabst, nativa do Estado de Tocantins.

A nova variedade descrita neste artigo – *Cattleya nobilior* var. *alba* – foi encontrada no município de Iporá, Estado de Goiás e bem se distingue das flores da espécie até então conhecidas pela sua cor completamente branca.

Cattleya nobilior floresce no período de junho a novembro porém mais profusamente nos meses de setembro e outubro.

Diagnosis:

Cattleya nobilior var. *alba*
L.C.Menezes var. nov.

Flores hujus varietatis differunt a floribus typicis speciei colore tantum. Flores albis puris.

Habitat in Statu Goyaz. Legit L.C.Menezes. Holotypus UB – 80.

Cattleya nobilior Rchb.f. (III.
Hort. 30:73, t. 485, 1883) is found in the Brazilian regions of the Center-West, North (Tocantins State) and Northeast

(south of the Maranhão State). Its populations grow preferentially as epiphytes on savannah terrain, although they can also be found in gallery forests or on the rocks. Their fragrant flowers are abundant in the habitats, because there are as many as 7 on each peduncle. They are usually light rose-colored, rarely dark rose and almost always emerge from a floral pseudobulb. However, some plants flower from the apex of their normal pseudobulbs, a phenomenon that signifies genetic instability in the process of their evolution. Within its populations there is one specific geographic race that is outstanding for its whitish lilac rose colored flowers, the *Cattleya nobilior*

var. *amaliae* Pabst, native from the Tocantins State.

The new variety described in this article - *Cattleya nobilior* var. *alba* - was found in the municipality of Iporá, Goiás State, and it is well-distinguished from the flowers of the species by its color completely white.

Agradecimentos Acknowledgements

Daniel Toledo
José Kenzi

* *Lou C. Menezes*

S.Q.S. 103 - E - 105
Brasília - DF
CEP 70.342 - 050

INFORME PUBLICITÁRIO

Monografia do Gênero *Oncidium*

Procuram-se as seguintes espécies brasileiras de *Oncidium*:

Albinii, *amabile*, *amictum*, *barbaceniae*, *batemannianum*, *beyrodtianum*, *brunnipetalum*, *chrysopterum*, *chrysorhapis*, *donianum*, *echinophorum*, *edmundoi*, *emilii*, *gilvum*, *hatschbachii*, *herzogii*, *imperatoris-maximiliani*, *isopterum*, *janeiroense*, *kraenzlianum*, *leinigii*, *litum*, *majowwkyi*, *paranaense*, *paranapiacabense*, *pardoglossum*, *pentecostale*, *pirarense*, *pohlianum*, *polyodontum*, *punctatum*, *pyxidophorum*, *ramosum*, *reductum*, *remotiflorum*, *rhinoceros*, *riviereanum*, *robustissimum*, *sellowii*, *silvanum*, *speciosum*, *stanleyi*, *stenopetalum*, *trichodes*, *unicolor*, *verrucosissimum*, *wheatleyanum*.

Caso alguém possua uma ou mais espécies das mencionadas acima e queira colaborar com a minha obra, peço escrever para o seguinte endereço:

Willibald Koeninger

Von-Eckert-Str. 36 – 81827 – München – Alemanha

e.mail: koeninger.orchid@surfeu.de

Um híbrido natural novo para a Flora Brasileira

Vitorino Paiva Castro Neto*
Marcos Antonio Campacci**



A importância em observarmos com muita atenção as orquídeas nas matas, exposições, orquidários e mesmo pequenas coleções, ficou mais uma vez evidenciada, quando da nossa visita ao Orquidário Binot em setembro de 1999, com a descoberta de um novo híbrido natural para a Flora Brasileira. Entre as inúmeras plantas ali floridas, uma

chamou-nos a atenção de imediato e brindou-nos com uma grata revelação. É a planta que descrevemos abaixo, em homenagem ao amigo Maurício Verboonen, que a revelou para a comunidade orquidológica brasileira.

***Encyclia X verboonenii* V. P. Castro & Campacci** hib. nat. nv.

Diagnose Latina: *Herba hybrida*

naturalis inter *Encyclia osmantha* (Barb. Rodr.) Schltr. et *Encyclia argentinensis* (Speg.) Hoehne. *Floribus medis inter haec species.*

Typus: Brasil, Minas Gerais, na região próxima a Juiz de Fora.

Holotypus: SP.

Coletor: Coletor ignorado, em lote de plantas existente no Orquidário Binot, em Petrópolis - Rio de Janeiro. Floresceu em cultivo no mês de setembro de 1999. Planta epífita, cespitosa com pseudobulbos piriformes e alongados, em média com 6,0 cm de comprimento por 2,5 cm de diâmetro maior, inicialmente lisos e depois um pouco enrugados, cobertos de bainhas caducas; bifoliados. Folhas rígidas, coriáceas, de forma oblonga, com ápice agudo, atingindo até 40,0 cm de comprimento por 2,0 cm de largura. Inflorescência apical, atingindo 60,0 cm de comprimento, com muitas flores simultâneas. Flores grandes para o gênero, com 4,5 a 5,0 cm de diâmetro, de cor ocre nas pétalas e sépalas e margem mais clara; contrastando com o labelo esbranquiçado. Este é trilobado, de 2,5 cm de comprimento por 2,2 cm de largura, com estrias rosadas no lobo central além de uma estria principal mais intensa no centro. Esse lobo central é um tanto quanto orbicular e tem as margens onduladas. Os lobos laterais são muito largos, mais ou menos deltóides, cobrindo quase que totalmente a coluna, com ápice dobrando-se para os lados. A sépala dorsal é lanceolada, de 2,5 cm de comprimento por 0,7 cm de largura e as laterais são levemente falciformes, do

mesmo tamanho que a dorsal e um pouco mais largas. As pétalas são levemente espatuladas, com ápice agudo, um pouco menores e mais estreitas que as sépalas. A coluna tem 10,0 mm de comprimento por 4,0 mm de largura junto às alas; é semicilíndrica, de cor esbranquiçada com ápice amarelado. A antera é avermelhada, com 1,7 mm de comprimento por 2,0 mm de largura e apresenta 4 polínias amarelas de 0,8 mm de comprimento.

Distribuição: Minas Gerais próximo à fronteira com o Rio de Janeiro.

Floração: Primavera no Brasil.

Hábitat: Matas abertas e bem iluminadas no sudeste de Minas Gerais.

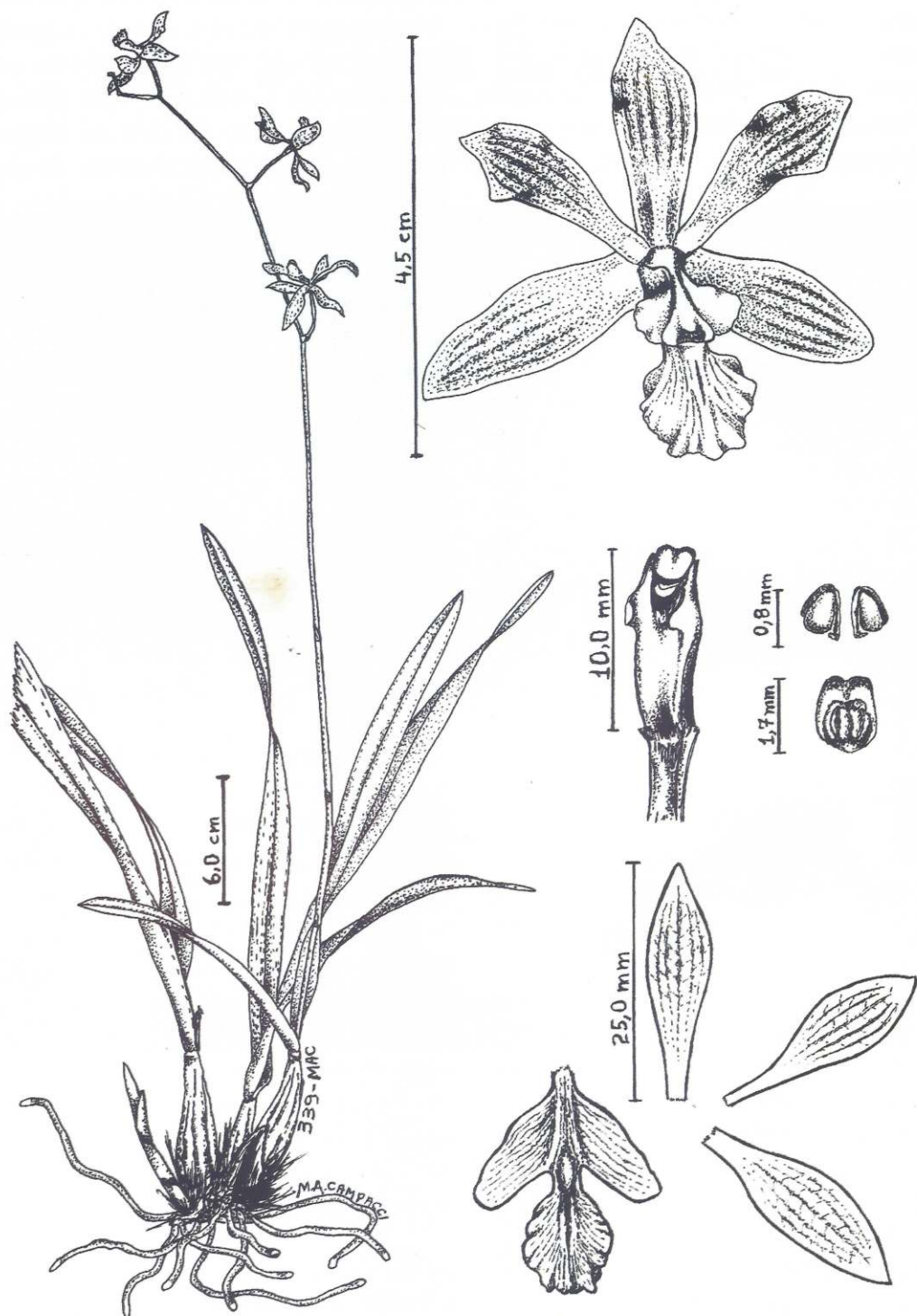
Etimologia: Homenagem a Maurício Verboonen do Orquidário Binot em Petrópolis.

Discussão: É evidente a sua condição de híbrido natural, com características intermediárias entre os seus ascendentes, a *Encyclia osmantha* (Barb. Rodr.) Schltr. e a *Encyclia argentinensis* (Speg.) Hoehne. Ela ocorre exatamente numa área onde populações das duas espécies se mesclam, o que, aliado ao fato de florescerem na mesma época, propicia a sua hibridação. Em cultivo, foi encontrada no meio de um lote de *Encyclia osmantha* (Barb. Rodr.) Schltr., onde chamou a atenção pelas singulares diferenças em relação aos outros exemplares, o que nos levou a estudá-la com mais rigor, chegando facilmente à definição de híbrido natural.

(*) Rua Vicente Galafassi, 549 - 09770-480 - S. B. Campo, SP - pcastro@ebwnet.com.br

(**) Rua Glória do Goitá, 86 - 03222-010 - São Paulo, SP - campacci@sili.com.br

Encyclia X verboonenii V. P. Castro & Campacci



Entrevista com a família Ostetto

Hans Frank

Nelide, mãe, Sérgio, pai e Rafael (filho do meio) são os 3 orquidófilos da família Ostetto, que tem 3 filhos e dedica-se ao cultivo de orquídeas, com um ambicioso projeto voltado para a educação ambiental. Conheci Nelide e Sérgio em 1996, na Mundial, aqui no Rio e desde aquela ocasião venho acompanhando o trabalho deles, que têm um orquidário na cidade de Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, e desenvolvem uma série de atividades que muito têm contribuído para a divulgação da orquidofilia. A Chefe do negócio é a Nelide, que trocou um bem remunerado emprego com

estabilidade na Universidade Federal, pegou o dinheiro do PDV, abandonando as chances de uma próxima e boa aposentadoria, para tocar a empresa de orquídeas. O Sérgio Ostetto, administrador, é um estudioso, atualmente trabalhando na Universidade Católica Dom Bosco e fazendo doutorado pela Universidade Complutense de Madrid, desenvolvendo uma tese que demonstra grande preocupação com o Meio Ambiente. O Rafael acompanha os dois e já tem a sua coleção. Os dois ministram cursos de cultivo de orquídeas, gratuitamente, já



HOTEL DAS ORQUÍDEAS

Hospedagem com todos os cuidados até a planta florescer



RENT A FLOWER - Aluguel de orquídeas floridas para eventos, escritórios e residências



MATERIAIS PARA CULTIVO

tendo treinado quase duas mil pessoas. Esta entrevista foi feita em várias partes, acumulando vasto material sobre os Ostetto. Apresentamos aqui algumas perguntas que podem interessar aos orquidófilos em geral.

HF – Como começou o interesse pelas orquídeas?

SO – Desde criança, lá em Santa Catarina, sempre convivi com o tio Abílio, hoje com 90 anos e ainda mantendo o seu orquidário, um pouco

menor agora. Tive o privilégio de nascer em Araranguá, berço de famosas Laelias purpuratas, como a “Milionária”. O tio Abílio sempre nos presenteava com plantas já envasadas ou amarradas em tocos de xaxim. Nós, quando íamos ao mato (nos anos 50 e 60), trazíamos orquídeas e parasitas, como se costumava dizer. Ainda hoje, num pé de tripa-de-galinha, nos fundos da casa de minha falecida avó, existe uma *Cattleya leopoldii*, que para nós, na época, não era orquídea, era leopoldão... Assim, vivendo nesse ambiente, eu sempre fui um amontoador de orquídeas, porque possuía muitas, mas não entendia nada. Já adulto e casado que resolvi aprender e estudar o assunto. A Nelide, que também gostava, dava a maior força e me acompanhava. Quando íamos a uma exposição ou saíamos de férias, o carro voltava lotado.

HF – E o comércio, como começou?

SO – Já tínhamos uma coleção razoável e chegamos à conclusão que poderíamos vender algumas plantas, então abrimos uma empresa e começamos a vender. Observamos que as pessoas viam muito mistério no cultivo de orquídeas e que às vezes matavam as plantas, apenas por desconhecimento de simples detalhes. Então resolvemos ensiná-las oferecendo cursos gratuitos, onde mostramos como é fácil cultivar a planta mais resistente que existe. Pelos nossos cursos gratuitos já passaram quase duas mil pessoas, sendo que muitas delas se tornaram orquidófilas.

HF – Como é o Hospital de Orquídeas?

SO – O mundo está ficando cada vez menor para abrigar tanta gente. Então

precisamos cuidar cada vez mais da natureza. Uma de nossas preocupações é com as crianças que acompanham os pais nas visitas ao nosso Orquidário. Para que elas também entendam o processo de desenvolvimento dessas maravilhosas plantas é que criamos um **Hospital de Orquídeas**, onde podem acompanhar todos os passos, desde a semente até a planta florida. O hospital também trata de plantas doentes e desidratadas que aparecem, tendo inclusive um CTI (Centro de Tratamento Intensivo), onde existem miniestufas, feitas com garrafas de refrigerante, para tratar de plantas desidratadas, traseiras e pedaços quebrados com um só bulbo, que dificilmente se desenvolveriam no ambiente normal. O CTI tem apresentado um índice de recuperação superior a 75%.

HF – Conte-nos um caso curioso com o Hospital.

SO – Aconteceu um há três anos, foi quando apareceram aqui duas senhoras, irmãs gêmeas, trazendo um pequeno bulbo de híbrido de *Cattleya*, atrofiado, desidratado, com restos de raízes podres, a meu ver morto, e pediram para colocar no CTI. E a partir daí travou-se o seguinte diálogo:

- Isto é um bulbo de uma orquídea que já morreu, não tem mais recuperação.

- Por favor, vê se dá um jeitinho...

- Não tem jeito, dona, não dá para fazer milagre, este bulbo não tem mais recuperação, é perda de tempo.

- Moço, por favor, era uma plantinha que a nossa mãezinha gostava tanto e foi a única coisa que deixou para nós, ela não pode morrer...

E mais mil lamentações. Acabei ficando com dó e disse:

- Está bem, vou preparar um CTI, mas sei que não vai adiantar nada.

- Oh! Graças a Deus, vamos salvar a plantinha da nossa mãezinha, que Deus a tenha.

Enquanto eu fazia os preparativos, as duas irmãs não arredavam o pé do meu lado, e tchi tchi tchi..., rezando, rezando e rezando. Coloquei o material na estufa e falei que deviam aguardar para ver. Perguntaram se poderiam dar uma olhada de vez em quando, por mim tudo bem.

Passados alguns meses surgiu um brotinho e hoje a planta está em pleno desenvolvimento, ainda se recuperando, mas não vai morrer mais e no próximo ano deve florir. Eta, fé danada!

HF – Fale do Hotel das Orquídeas e do sistema de aluguel.

Nelide – Muitos apreciadores não querem cuidar das plantas, então as adquirem floridas e quando acabam as flores trazem para o hotel, onde elas recebem todos os cuidados para que floresçam novamente no próximo ano. É o hotel que tem muitas estrelas e a diária mais barata do mundo, apenas R\$ 0,01 (um centavo). Também alugamos orquídeas floridas para decoração de residências, escritórios e outros eventos. É o "Rent a Flower"

HF – Para terminar, a informação do endereço dos Ostetto:

Avenida América, 619 – Planalto - Campo Grande – MS – CEP 79009 – 060
Fones: (67) 782-0721 (res.) - (67) 782-5342 (orquidário) - (67) 725-4483 (loja)

Mutação em Orquídeas

Érico de Freitas Machado*

As mutações são variações genéticas que aparecem nos seres vivos e nas orquídeas surgem em diversas formas, independente da espécie. Tenho, contudo, notado uma incidência maior no gênero *Cattleya*, provavelmente por ser o mesmo um dos mais manuseados, devido à beleza de suas flores e, portanto, com mais possibilidade de ser encontrado.

Didaticamente e dentro da orquidofilia, são duas as mutações mais conhecidas: **trilabelo** e **labelóide**.

São formas chamadas de **pelóricas** e inclusive muito confundidas, entre si, pelos menos experientes. Já escrevi longo artigo, bem ilustrado, sobre as duas, razão por que aqui farei apenas ligeiras referências.

Trilabelo – A flor se apresenta com três **labelos** (sendo um normal, provido de “coluna germinífera” e dois pseudolabelos, originados nas pétalas modificadas, estéreis) e três **sépalas**. A apresentação visual é bonita e botanicamente é chamada de **actinomorfa**, com simetria radiada, ou seja, que permite traçar vários planos de simetria. Resumo: três labelos (dois pseudolabelos) e três sépalas.

Labelóide – Aqui a flor aparece com três **labelos** (sendo que os

pseudolabelos ocupam os lugares das sépalas inferiores) e três **pétalas** (a sépala dorsal ou superior, transformada em pétala). Resumo: três pétalas e três **labelos**.

Naturalmente, essas duas formas podem sofrer diversas modificações, muitas vezes dificultando a correta identificação. Cada pétala, sépala ou mesmo o labelo, pode ser alterado, fugindo da apresentação acima descrita.

Quem tem uma concentração grande de orquídeas, como é o meu caso, e vive a observar constantemente as florações, às vezes se depara com verdadeiras surpresas e algumas até difíceis de explicar.

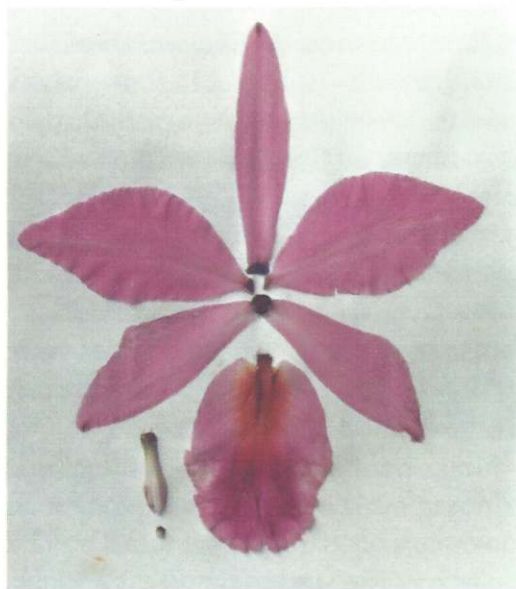


Foto nº 1

Na foto nº 1 (*Cattleya labiata*) aparece uma mutação simples, localizada nas duas sépalas inferiores, como arremedo do labelo (notem-se as margens externas das mesmas). Seria enquadrada no grupo das labelóides, mesmo aproximando-se da flor normal. Por vezes o pseudolabelo é sugerido por um risco forte, longitudinal, nas sépalas inferiores, de cor branca ou amarela.



Foto nº 3

Na foto nº 3 (*Cattleya warneri*) aparece uma haste floral com três flores, sendo que uma delas sofreu uma mutação localizada, com o surgimento de três labelos, perfeitos, em uma das flores, mas com apenas uma coluna germinativa. As outras duas flores são normais.

Nota: preciso aguardar a próxima floração da planta para saber se tal mutação será repetitiva.

Duas observações: a) as mutações das fotos 2 e 3 são raríssimas e as únicas que vi em minha longa vida orquidófila; b) os desenhos das formas pelóricas, trilabelo e labelóide, são orientativos e mostram os planos de cada uma delas.

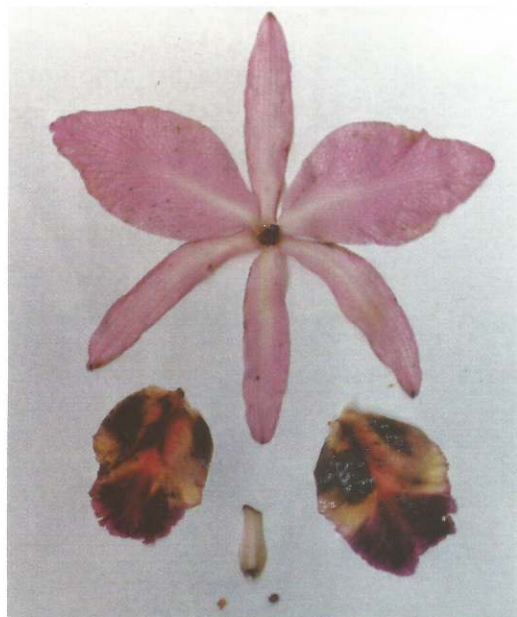


Foto nº 2

Na foto nº 2 (*Cattleya labiata*) a mutação é complexa e muito rara. Houve o aparecimento de mais dois segmentos florais (uma sépala e um labelo), destoando da característica base da flor da orquídea, que apresenta, sempre, três sépalas, duas pétalas e um labelo (este, uma pétala modificada). A mutação é repetitiva e a flor tem uma aparência estranha. São duas pétalas, quatro sépalas e dois labelos (idênticos), mas com apenas uma coluna germinativa.

***Érico de Freitas Machado**

Engº Agrônomo e proprietário da
FLORABELA Orquídeas.
Marechal Floriano - ES.
Fones: (0xx27) 227.61.36
(0xx27) 268.58.00

Cattleya labiata 'Beatriz Brasil'



Lou C. Menezes*

sofrido desde a sua descoberta e descrição por Lindley (1818 – 1822), um impiedoso processo de devastação ambiental através de ações do homem caracterizadas pelo desmatamento e fogo, isto sem se falar nas coletas indiscriminadas dos orquidófilos e/ou comerciantes de plantas.

Habitats específicos nos Estados do Ceará e de Pernambuco são ainda hoje celeiros incontestes de plantas magníficas apesar da condição agonizante em que se

Ao longo de décadas e décadas os orquidófilos brasileiros têm se surpreendido e extasiado com o fantástico mundo das populações de *Cattleya labiata* Lindley através de plantas de rara beleza cujas variações morfocromáticas fogem à nossa compreensão.

A espécie nordestina dos chamados brejos de altitude – áreas serranas de elevada umidade – tem

encontram. É de um desses recantos esquecidos no coração sertanejo, cujo nome omito na esperança de não apressar o funeral de minhas ilusões, ou seja, a extinção da espécie neste habitat, que a jóia da natureza registrada neste artigo a *Cattleya labiata* 'Beatriz Brasil' é originária.

Ciente de que somente pessoas extraordinariamente especiais merecem, podem e/ou devem ter seus nomes

associados a uma flor e notadamente a uma orquídea, é que dedico este novo cultivar a Beatriz Brasil, a "Embaixatriz" da orquidofilia brasileira em Minas Gerais (Belo Horizonte).

***Cattleya labiata* 'Beatriz Brasil'**
Hort. ex L.C.Menezes **cult.nov.**

Flor de colorido roséo-lilás intenso, de excelente armação e de boa textura; pétalas largas no formato ovalado se superpondo na base, ou seja, na zona de inserção das mesmas, junto a coluna; as sépalas se distribuem harmonicamente compondo o aspecto arredondado da flor; o labelo amplo exhibe um colorido purpúreo que preenche quase todo o lobo mediano em contraste com manchas esbranquiçadas na superfície dos lobos laterais; a garganta apresenta colorido áureo enriquecido por veios. Este novo cultivar floresce no fim de dezembro ou início de janeiro, verão brasileiro.

For decades and decades Brazilian orchid hobbyists have been surprised and enthralled with the fantastic world of ***Cattleya labiata*** Lindley populations through plants of rare beauty whose morphochromatic variations exceed our understanding.

This northeastern Brazilian species from mountainous regions with high humidity has, since being discovered and described by Lindley (1818 – 1822), suffered from an unrelenting process of environmental devastation due to man's actions involving slash and burn, not to mention indiscriminate collecting by orchid hobbyist and/or dealers.

Specific habitats in the states of

Ceará and Pernambuco are still today undisputed sources of magnificent plants in spite of the moribund condition of those habitats. It is from one of those forgotten nooks in the northeastern heartland whose name I am omitting in the hope of not hastening the funeral of my illusions, i.e. the extinction of the species in that habitat, that the jewel of nature recorded in this article, ***Cattleya labiata* 'Beatriz Brasil'** comes.

Aware of the fact that only extraordinarily special people can and/or should deserve to have their names associated with a flower and particularly an orchid, I have decided to name this new cultivar in honor of Beatriz Brasil, "Ambadressess" of Brazilian orchidists in Minas Gerais (Belo Horizonte).

***Cattleya labiata* 'Beatriz Brasil'**
Hort. ex L.C.Menezes **cult.nov.**

Flower with intense lilac-rose coloration, presenting itself exceedingly well, and with good substance; broad oval-shaped petals overlapping at the base, i.e. in the area where they are jointed, next to the column; the sepals are harmoniously distributed, giving the flower a rounded appearance; the broad lip exhibits purple coloration that covers almost the entire mid-lobe, contrasting with whitish spots on the surface of the lateral lobes; the throat is golden, embellished by veins. This new cultivar flower in late December or early January, Brazilian summer.

* **Lou C. Menezes**

S.Q.S. 103 - E - 105

Brasília - DF

CEP 70.342 - 050



**Orgulhosamente oferecemos, com
exclusividade, meristemas de 4" da
Pot. Haw Tuan Gold '02'.**

**Melhor Cattleya, Planta Campeã e
Medalha de Ouro da
16ª Exposição Mundial de Orquídeas
em Vancouver, abril de 1999.**

R\$ 100,00



ARANDA

ORQUÍDEAS

Rua Senador Dantas, 75 / 907

Centro - Rio de Janeiro

Tels.: (21) 240-5609 / 240-7617

e-mail: aranda@aranda.com.br

www.aranda.com.br